

1º. CÍRCULO:

EDUCAR É UM DESAFIO

OBJETIVO:

Proporcionar oportunidades de reflexão e trocas de experiências sobre os **recursos** que a Família e a Escola têm à disposição para educar seus filhos, e/ou crianças e adolescentes sob sua responsabilidade.

INTRODUÇÃO:

Sempre que as pessoas desconhecem as causas que as levam a agir desta ou daquela forma, ficam muito ansiosas, seja no que diz respeito à maneira de educar seus filhos ou de se comportar em sociedade. Se no passado nossos pais e avós contavam com a certeza de que, repetindo a educação que receberam de seus pais, estariam acertando no quesito de ser bons pais e educadores, hoje, no início do século XXI, andamos abraçados com incertezas vindas de diversas direções. Muitas vezes nos surpreendemos tendo comportamentos que sempre criticamos, que não sabemos explicar, (e muitas vezes, mesmo querendo, não conseguimos mudar) e pelos quais muitas vezes até nos culpamos. Como conciliar, por exemplo, a vontade de brincar/conversar com os filhos após um dia extenuante de trabalho, quando temos que acabar em nossa casa um relatório importante que deverá ser apresentado na manhã seguinte? Onde colocar nosso sono, cansaço e irritação? Como relaxar e dar atenção ao parceiro e aos filhos, com todas as obrigações do dia a dia doméstico a cumprir, e pouco tempo e dinheiro para nos ajudar? São pequenas coisas que vão se acumulando e acabam por nos deixar mal, com a sensação de que não somos os pais e mães bons, ou excelentes, que gostaríamos de ser. E então passamos a carregar mais um peso: a culpa!

1 - SOBRE CONTEXTOS FAMILIARES E SOCIAIS

Precisamos entender que chegamos nessa situação não por nossa causa, mas principalmente, porque somos parte de um contexto social amplo e globalizado. No decorrer do século passado, profundas mudanças marcaram as formas de conviver. Se antes essas formas eram, de geração para geração, repetidas, cooperativas, e nos davam a segurança do conhecido, hoje estamos mergulhados num mundo extremamente competitivo, que muda a cada dia, e nos deixa inseguros sobre o que conhecemos e como devemos nos conduzir. Tudo isso é

normal, considerando-se que estamos numa fase de transição histórica. Estamos passando da era Moderna para a Pós-moderna.

Para os historiadores, o desenvolvimento do mundo sempre foi dividido em períodos históricos, que denominam de **eras**. Cada era tem determinadas características, valores e modos de ser, chamados de paradigmas. Quando por algum motivo essas características mudam, dizem que o mundo entrou numa nova era. As mudanças não ocorrem de uma hora para outra, são **processos** lentos, que às vezes nem percebemos, que vão se consolidando, nos envolvendo, e mudando nosso modo de ser e estar no mundo.

Na era Moderna, a era anterior à que estamos vivendo, existiu uma preponderância de valorização das ciências e, por isso, rejeitava-se tudo que não pudesse ser constatado pelas pesquisas. O desenvolvimento da tecnologia científica foi grande em todas as áreas, e o mundo cresceu muito em comodidade e bem-estar, mas também deve arcar com as conseqüências dessas mudanças.

Ao lado desse desenvolvimento tecnológico, grandes mudanças marcaram o comportamento do chamado homem moderno, que se viu inundado por novas informações, diversões e serviços. Tudo ao seu redor se tornou mais ágil, fácil e atrativo. Ofertas cada vez mais sedutoras aumentaram os bens de consumo de diversos materiais. Vimos o aparecimento de uma extrema competitividade, o assustador aumento na busca e no acúmulo de bens, a preocupação aumentada com a aparência e com status, e tentamos nos acostumar com o novo hábito de descartar os bens que adquirimos, - rapidamente se tornavam obsoletos, e por isso deveriam ser repostos. A vivência dessa realidade também se expandiu para os relacionamentos, e assim começamos a nos defrontar também com novas formas de demonstração, e vivência de afetos.

As inovações da era moderna foram tão intensas, e se deram de uma forma tão rápida e invasiva, que se chegou a pensar que o homem havia chegado ao máximo da possibilidade de evolução do seu conhecimento, o que não era verdade.

No início do século XX houve um grande aprofundamento do conhecimento humano, que permitiu ver as fragilidades da ciência moderna e gerou o surgimento de novos paradigmas, ou seja, vivia-se o início de um período em que se testavam e se adotavam novas crenças e valores, baseadas num novo tipo de conhecimento. Novos saberes surgiram e se firmaram, como a psicologia e a ecologia, e vários campos foram criados e ampliados, como na medicina e engenharia, por exemplo. Foi o começo da transição para a era pós-moderna.

Simbolicamente, o Pós-modernismo nasceu em 06/08/1945, quando a primeira bomba atômica explodiu sobre Hiroshima. Ali, a modernidade inaugurada com a civilização industrial, encerrou seu capítulo no livro da História, ao superar seu poder criador pela força destruidora. Perdeu a popularidade, mas seus efeitos negativos não desapareceram. Ainda hoje os valores modernos coexistem com os

Pós-modernos, mais humanitários. Nessa época de transição precisamos estar atentos a quais valores estamos nos atrelando, a quais valores devemos nos preocupar em modificar e a quais devemos criar – queremos um mundo melhor para nós e para nossos filhos!

A era pós-moderna em que vivemos trouxe grandes mudanças na vida, no modo de ser e pensar de toda a humanidade. Hoje aceitamos que ninguém é dono da verdade, porque sozinho, ninguém consegue apreender a realidade e a verdade integralmente. Assim, na família, vivemos a diminuição do autoritarismo: já não há espaço para uma só pessoa saber, mandar e ser aceita, sem nenhuma contestação, pela maioria.

Hoje somos capazes de reconhecer que precisamos do outro, de vários outros, de seus conhecimentos e pontos de vista diferentes, para enriquecer nosso saber e arejar antigas crenças. Assim, aprendemos a valorizar a diferença, a ouvir as vozes de nossos filhos e educandos e a procurar e participar de grupos como este da Escola de Pais, onde podemos ouvir e dar várias e diferentes opiniões sobre assuntos de interesse da família e da sociedade.

Quando aprendemos, ou precisamos aprender, a reconhecer e valorizar a beleza e a riqueza da diferença passamos a respeitar pessoas e culturas com diferentes valores, percepções e ações, tendo sempre em mente a relatividade de nossos valores em outros contextos. Ao aceitarmos essas práticas em nosso viver, compreenderemos e aceitaremos melhor, por exemplo, as diferentes formas de família com que convivemos, além de exercitarmos o tão necessário afastamento de todo tipo de preconceito.

Todos nós, seres humanos, somos co criadores deste mundo em constante transformação. O mundo é dinâmico, está sempre em desenvolvimento. Quando o homem toma consciência de seu poder de ação e transformação do presente, ele se torna mais atuante.

Podemos construir hipóteses, mas não podemos prever com segurança como será o mundo de nossos filhos adultos. Porém, está dentro de nossas responsabilidades como pais e educadores, desde já nos envolver em boas reflexões que nos levem a executar boas ações. E devemos começar com quem está próximo, com nossa família, sabendo que nem sempre evitaremos conflitos, mas certamente podemos, muitas vezes, minimizar, ou resolver muitos deles.

2- SOBRE APEGO E VÍNCULOS AFETIVOS

Ao nascer, todo ser humano traz consigo uma riqueza traduzida em 16 bilhões de células nervosas, que deverão ser estimuladas ao longo de toda sua vida. A maneira como isso ocorre, ou não, se traduzirá pela tendência de sermos melhores naquilo que tivermos sido mais estimulados. Cada ser humano traz em si potencial para o bem e para o mal, além de aptidões específicas.

Para sobreviver, todo ser humano precisa de alimento, cuidados e atenção. Buscando a satisfação dessas necessidades, desde bebês, procuramos nos ligar a outras pessoas – é o modo como estabelecemos nossos vínculos afetivos.

Vínculo afetivo pode ser entendido como uma relação que contém a história do envolvimento entre duas pessoas, e que é durável ao longo do tempo ou da vida. Se um bom vínculo se mantiver inalterado, será sentido como uma fonte de conforto e segurança, e sempre que for renovado trará consigo um misto de alegria e energia. A simples ameaça de sua perda pode trazer intensa ansiedade, e sua perda real inevitavelmente produz tristeza.

Pela vida afora, e principalmente na primeira fase educativa, a criança passa por etapas bem características, e em cada uma delas tem necessidade de se ligar a um ser humano com mais intensidade que aos demais, que fazem parte de seu universo. Essa pessoa importante é a figura de ligação da criança com o mundo externo; é a pessoa que ela quer sempre por perto, porque lhe traz a gostosa sensação de segurança.

Responsável por um dos mais completos e importantes estudos a respeito de Figuras de Apego, John Bowlby, psiquiatra londrino, trouxe uma nova dimensão para a compreensão da natureza e origem dos vínculos afetivos, ao afirmar que, diferentemente do que se pensava, a criança procura primariamente a sensação de segurança, e não a alimentação. Seu colaborador, o psicólogo Harry Harlow, na condução de pesquisas com macacos “*rhesus*”, comprovou que os mais jovens mostravam preferência marcante por uma mãe boneca macia, ao invés da mãe boneca dura, de arame, que os alimentava.

Toda forma de comportamento que implique em alcançar ou manter a proximidade com outro indivíduo diferenciado e preferido, surge da nossa necessidade de segurança e proteção. Na criança, evidencia-se a importância da ligação emocional para orientar seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

O apego humano é interno, mas pode ser percebido e qualificado através do comportamento da criança com sua mãe. Quando falamos de apego é importante ressaltar que o papel de pai e mãe não cabe apenas os pais biológicos, mas se estende também a pessoas importantes e presentes na vida cotidiana de cada criança. Há aquelas que, por diversas razões, são cuidadas por avós, irmãos, tios, padrinhos, vizinhos, instituições, etc. Bowlby, afirma que a criança seleciona sua principal figura de apego, e também a quantas outras ela se ligará, dependendo em grande parte de quem cuida, e está mais próxima dela.

Toda criança procura por sua figura de apego quando está cansada, assustada, doente, faminta ou estressada. Faz isso através de comportamentos tais como chorar, agarrar, manter contato visual, aconchegar-se ou sorrir, entre outros.

Segundo a Teoria do Apego de Bowlby, a partir da solicitação da criança, caberão três principais tipos de comportamento/resposta da mãe ou agente cuidador:

- 1- Quando é **atendida na maior parte das vezes**, sente-se segura: percebe sua figura de apego como acessível e disponível para trazer-lhe conforto em situação de crise. Essa criança desenvolverá ao longo da vida comportamentos afetivos seguros, ligados a essas experiências positivas-apego seguro. Bebês seguramente apegados constroem um modelo de mãe disponível, mesmo quando não podem vê-la. Por isso, protestam menos na separação e são mais receptivos no reencontro.
- 2- Quando é **eventualmente atendida** em suas necessidades, por exemplo, conforme o humor ou disposição de sua figura de apego, tenderá a duvidar da sua capacidade de solicitar algo e de ser merecedora de atenção do outro. A dúvida sempre estará presente na qualidade dos vínculos que formará em sua vida- apego ambivalente.
- 3- Quando **repetidamente não é atendida**, com mais probabilidade terá dificuldade em vincular-se; em suas tentativas de formação de vínculo experimentou sofrimento e desconforto - apego inseguro. Bebês com base insegura choram muito na ausência, e mesmo na presença da mãe.

DINÂMICA: ZUM ZUM (5 MINUTOS)

O que você ouviu sobre **apego** ajudou você a entender melhor algum (s) comportamento (s) seu, ou de seu filho (a/s)?

É certo que muitas das emoções mais intensas que uma pessoa experimenta ao longo da vida, surgem durante a formação, manutenção, rompimento e renovação das relações de apego. E também é certo que nada dura para sempre; temos a capacidade humana de mudar, modificar ou ressignificar experiências vividas. Contamos ainda, ao longo da vida, com fatores facilitadores, como aqueles representados pelas relações que estabelecemos com nossa família ampliada, com amigos, professores, chefes ou colegas de trabalho, e tantas outras pessoas, cuja importância e influência emocional nos levam a boas experiências, e nos fazem melhor.

O apego a outros seres humanos é o centro em torno do qual a vida de uma pessoa se constrói, não somente quando é um bebê ou criança, mas através da adolescência, dos seus anos de maturidade e da sua idade avançada. Em todo seu ciclo de vida, do nascimento até a morte, em nenhum momento o homem vive só. E por mais avanços tecnológicos que tenha à disposição, suas necessidades humanas continuarão sempre as mesmas. Todos gostamos, e queremos receber afeto, segurança, carinho, toque, aconchego, acalento, colo.

RELEMBRANDO:

- Vínculo é um laço relativamente duradouro que se estabelece com outra pessoa.
- Apego se refere a uma disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica, e seu aspecto principal é o estabelecimento do senso de segurança.

DINÂMICA: ZUM ZUM (5 minutos)

Com quais pessoas você mantém vínculos afetivos de qualidade?

3 - SOBRE O EDUCAR

Em todas as sociedades, a educação é responsável pela manutenção e perpetuação dos modos culturais de ser, estar e agir, necessários à convivência e ao ajustamento de um membro ao seu grupo, e a todas as gerações que virão.

Ao longo dos anos o significado da palavra educação sempre englobou os processos de ensinar e aprender. Os mais velhos ensinavam aos mais novos, que aprendiam e repetiam o que lhes era ensinado. Até recentemente, sala de aula, lousa e giz eram ferramentas que auxiliavam a transmissão de saber de **um** professor para **muitos** alunos; hoje essa transmissão é feita através de **muitos** professores para **muitos** alunos, via internet. E não raras vezes, os que ensinam são mais jovens do que aqueles que estão no papel de aprendizes. Aliás, esse papel – o de aprendiz - também é muito diferente hoje, uma vez que o educando participa ativamente da construção do seu aprendizado.

Sabemos que vivemos numa sociedade que apresenta comportamentos violentos e orientados por contra valores, tais como o consumismo exagerado, a liberalidade sem limites, o individualismo não saudável, a exaltação às drogas, e tantos outros. Nossa grande proteção contra esses males reside no **afeto** que permeia nossas relações familiares. Sem ele em nosso meio interno – o familiar – pouco ou nada podemos, pois ficamos pequenos e frágeis frente às pressões externas.

Não podemos sequer pensar em ignorar ou rejeitar o poder que as novas tecnologias de comunicação e informação exercem sobre nós e nossas crianças. Esse fato não pode servir como desalento ou desculpa para a sensação de que estamos “perdendo o controle” sobre o que pensam ou se como se comportam nossos filhos. A família ainda é o primeiro e principal agente educativo e de socialização das crianças, e ainda hoje representa o primeiro transmissor de pautas culturais e afetivas com que as crianças têm contato.

Diferentemente de outros animais, o ser humano ao nascer é totalmente dependente – necessita ser alimentado, cuidado e estimulado para se desenvolver. Assim, educar também significa o atendimento das necessidades físicas e emocionais básicas da criança, respeitando-a como um ser completo que carrega em si um imenso potencial a ser desenvolvido.

Vivendo em meio a novidades que mudam (ainda que contra a nossa vontade) rapidamente nosso modo de agir e de pensar, certamente carregamos o desconforto de não seguir o caminho da educação que aprendemos com nossos

pais, e eles, com nossos avós. Em compensação, temos hoje riquezas que se traduzem em possibilidades de mais respeito, mais diálogo e mais troca de afetividade com nossos filhos. Para usufruir dessa riqueza precisamos trazer a coerência para nosso viver diário. De nada adianta um discurso competente, se nossa ação pedagógica for impermeável a mudanças.

A complexidade passou a fazer parte da educação, já que esta necessariamente deve envolver vários aspectos do conhecimento e da ética humana. Educar envolve o entendimento e aceitação de novas verdades. É uma via de mão dupla, onde educadores e educandos evoluem juntos. Acontece em qualquer tempo e em qualquer espaço, a partir de formas diferentes. Podemos pensar na educação treinadora, impositiva, e que exige a repetição de comportamentos para a criação de hábitos: é útil no ensino e aquisição de hábitos higiênicos, por exemplo. Porém, se pensarmos em educação formadora, ela só admite o estabelecimento de valores através da relação dialógica e do exemplo.

Educar hoje implica também em refletir sobre o que transmitimos para nossos filhos. De que modo o fazemos? Aquilo que ensinamos faz sentido para eles hoje? É útil para ajudá-lo a viver em seus grupos sociais? E ainda: o que meu filho (a) me ensina que eu não sabia? O que posso aprender com ele?

DINÂMICA: ZUM ZUM (5 minutos)

Pense em duas coisas que seu filho sabe mais que você.
Você pode/aceita aprender com ele?

PARA OS COORDENADORES:

Que tal aprender a rir?

Aprender a olhar para o outro, e gostar dele pelo que ele é?

Aprender a demonstrar carinho?

Aprender um novo idioma ou voltar à escola, ou a jogar?

Diferentemente do início e até meados do século XX, lidamos hoje com mudanças na forma de educar. Ensinar hoje não significa apenas transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para que a criança e o adolescente busquem sua própria produção. Educar é uma construção conjunta e diária dirigida à manutenção, formação ou busca de valores, que possam nortear de modo seguro, aqueles que no futuro serão responsáveis pelo papel de educadores.

Quais seriam alguns valores desejáveis de serem desenvolvidos na vivência familiar, para promover um desenvolvimento saudável da criança e do adolescente? Compromisso, responsabilidade, respeito, solidariedade, liberdade, honestidade, para citar alguns. Para compartilhar e desenvolver esses valores com a nova geração, tempo e presença são indispensáveis. Organizar seu **tempo** é um grande problema para os pais no mundo de hoje, e **presença** tem que ter qualidade para contar pontos.

DINÂMICA: ZUM ZUM (5 minutos)

O que posso fazer para otimizar meu tempo e presença como pai/mãe/ agente educador?

Para os coordenadores:

Valorizar a qualidade do tempo de convívio. Menos tempo dedicado exclusivamente à atenção do filho vale mais que um dia inteiro de companhia desatenta ou entediada.

Valorizar a escolha da escola que venha a contribuir com a família, passando valores condizentes com os seus, além do conhecimento intelectual, emocional e relacional.

Conhecer os responsáveis pela educação de suas crianças e adolescentes.

Procurar ter contato e conhecer os companheiros e familiares dos grupos de amigos de suas crianças e adolescentes.

Acompanhar com interesse a vida social de suas crianças e adolescentes, suas preferências e diversões.

Procurar ser convidado a participar do facebook de seus filhos.

Saber procurar ajuda especializada, se necessário.

CONCLUSÃO:

Se pais, mães e agentes educadores não educarem suas crianças e adolescentes, o mundo o fará, ainda que de maneira menos afetiva, e certamente mais dolorosa.

Educar não é tarefa fácil. Se desejamos filhos felizes e bem-sucedidos, temos que acompanhá-los em cada etapa de seu desenvolvimento, evoluindo em conjunto com ele. Precisamos refletir, entender, melhorar e atualizar a cada dia nossos conhecimentos e posicionamentos – só assim estamos nos aprimorando na arte de viver, transformando nossas dificuldades em aprendizagens ao longo da vida.

A família ainda é a principal detentora das funções educadoras e socializadoras de suas crianças. Ainda cabe aos pais a responsabilidade pela preservação e renovação de procedimentos e valores comuns a seu grupo familiar, além de propiciar espaço seguro para o desenvolvimento de capacidades, condutas e conhecimentos, que julgam valiosos para cada um de seus membros em particular. Quem ama respeita e protege a criatividade e espontaneidade do ser amado, ensinando-o a fazer escolhas conscientes, com liberdade e respeito ao outro.

O acesso à educação formal e à informação nem sempre é igual ou justo para todos. Educar é tarefa permanente e independe de idade, papel, religião ou condição social. A Escola de Pais do Brasil parabeniza cada um aqui presente pelo interesse demonstrado em conhecer mais, e refletir sobre diferentes assuntos de interesse familiar e social. A presença de vocês nestes encontros certamente servirá como bom exemplo a seus filhos e educandos. Trabalhando em conjunto, estaremos contribuindo de modo aparentemente pequeno, mas imensamente importante, na construção de uma sociedade mais colaborativa, mais gentil e generosa. E torcemos para que essas, e outras boas qualidades, extrapolem o nosso campo de ação, se multipliquem e se espalhem pelo mundo – um mundo cada vez melhor, é que desejamos para todos!

CONVITE À AÇÃO

O que posso fazer para reduzir os danos que meu pouco tempo e pouca disposição podem provocar na minha família?

O que eu faço para mostrar coerência numa sociedade competitiva?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos* – 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- *As origens do apego*. In: uma base segura – aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989
- FREIRE, P. *Pedagogia da Tolerância*. São Paulo: UNESP, 2004
- MATHIS, R.C.S. *O papel da família diante do poderio das novas mídias*. Anais do 49º Congresso Nacional da Escola de Pais do Brasil, 2013
- O'SULLIVAN, M. *Como a formação em terapia familiar aprimorou o papel do portal www.clicfilhos.com.br, no resgate de valores e ressignificação dos relacionamentos das famílias dos usuários*. Monografia – Curso de Especialização em Terapia Familiar – Departamento de Psiquiatria – UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2011
- SANTOS, J.F. *O que é pós moderno*. São Paulo: Brasiliense, 23ed, 2005 (Coleção Primeiros Passos)
- SEIXAS, M.R.D. *Compete ao terapeuta de família trabalhar valores?* In MACEDO, R.M.S. *Terapia familiar no Brasil, na última década*. São Paulo: Roca, 2008

Texto de base:

Maria Rita D'Ángelo Seixas-Conselho de Educadores - SP

Colaboração:

Regina de Mathis- Presidente do Conselho de Educadores

Obs.: errata – já acertado texto

" Item2 - Sobre Apego e Vínculos Afetivos - P.4 -5º Parágrafo, do Primeiro Círculo: Responsável por um dos mais completos e importantes estudos a respeito de Figuras de Apego, John Bowlby, psiquiatra londrino, trouxe uma nova dimensão para a compreensão da natureza e origem dos vínculos afetivos, ao afirmar que, diferentemente do que se pensava, a criança procura primariamente a sensação de segurança, e não a alimentação. SEU COLABORADOR, O PSICÓLOGO HARRY HARLOW, na condução de pesquisas com macacos "rhesus", comprovou que os mais jovens mostravam preferência marcante por uma mãe boneca macia, ao invés da mãe boneca dura, de arame, que os alimentava".